

Como ser brasileiro

» JAIME PINSKY
Historiador e editor (jaimepinsky@gmail.com)

O rapaz passou em frente à loja do meu pai, que ficava a menos de 200 metros da linha de trens da Estrada de Ferro Sorocabana, e perguntou “Seu Abrão, afinal o senhor é russo, polonês, judeu, ou o que?” Meu pai respondeu no ato: “sou brasileiro”. “Mas como assim, se o senhor tem sotaque, e todo mundo diz que é estrangeiro?”. Meu pai perguntou a idade do garoto, que disse ter 17 ou 18 anos, não me lembro. Meu pai então lembrou ter 30 anos só de Brasil, sendo, portanto, mais brasileiro do que ele.

Assim era esse homem, hoje nome de rua ao lado do Horto Florestal de Sorocaba, cidade em que viveu a maior parte de sua vida. Sempre levou muito a sério a decisão da família, que escolheu o Brasil como destino. Claro, o motivo principal da saída da Europa foram os pogroms (perseguições) sofridos pelos judeus. A família vivia em uma pequena cidade, cerca de 50 minutos da fronteira ucraniana, que na época pertencia à Polônia e foi vítima da incompetência dos governantes, de lutas políticas e do velho e bom antissemitismo.

O Império Russo, dirigido pelo czar, dava as cartas na região. Para desviar a atenção do sofrimento do povo (em grande parte causado pela pobreza e pela administração retrógrada do czar e seu grupo palaciano), foram criados, pelo próprio governo russo, falsos documentos falando de um suposto complô judaico para conquistar o mundo, culminando com a publicação de um livro apócrifo denominado *Os Protocolos dos Sábios de Sion*. Esse fake book, (como seria chamado hoje em dia) justificou numerosos atentados antissemitas, e a vida da comunidade judaica passou a ser um inferno em terra, já que perseguições e massacres de judeus tornaram-se rotineiros em todo o território.

Logo depois da Revolução Russa de 1917, no longo período de afirmação do poder bolchevique, as tropas chefiadas por Trotsky mediram forças com os brancos, à custa dos agricultores que eram saqueados pelos dois lados, como lembrava meu avô Maurício (Moishe). Esse foi o pano de fundo que levou à saída de grande parte da população judaica da região, principalmente para a América, do Norte e do Sul. Foi o ambiente irrespirável e ameaçador que levou à partida do casal Pinsky e seus filhos, abandonando a propriedade (sobre a qual pagava aluguel para um nobre) e a máquina de beneficiamento de trigo, a carroça, o cavalo e as duas vacas, além de um mundo conhecido, estruturado durante séculos.

Por último, mas não menos importante, tiveram que abrir mão da língua, desenvolvida ao longo de vários séculos e veículo para grandes escritores, entre os quais um prêmio Nobel de Literatura. E para cá vieram eles, com coragem, ânimo, braços fortes e corações abertos e agradecidos, tão disponíveis, que logo se tornariam brasileiros, como tantos outros imigrantes que fugiam de alguma coisa e aqui se abrigaram.

A família chega em 1929 ao Rio Grande do Sul, região de Passo Fundo, e ocupou uma pequena gleba nas colônias do Barão Hirsch, em Quatro Irmãos. Dois anos depois de chegar, dois anos apenas, a alfafa que meu avô plantava ganha o segundo lugar, e seu amendoim obteve a menção honrosa na grande exposição agrícola e industrial realizada no Rio Grande do Sul “sob o patrocínio do Exmo. Sr. Interventor Federal Gal. J. A. Flores da Cunha”. Tenho, até hoje, o diploma concedido “ao colono M. Pinsky”. Não posso negar que, ao ver o diploma devidamente emoldurado e exposto na parede do meu escritório, sinto certo orgulho (indevido,

porque imerecido), tanto pelo diploma em si, quanto pela preocupação do meu avô e dos seus filhos que, tenho certeza, capricharam na qualidade dos produtos como forma de agradecer pelo abrigo que o Brasil lhes forneceu na hora difícil.

Assim foram eles, assim são quase todos os imigrantes. Portugueses e espanhóis, sírios e libaneses, alemães e austríacos, poloneses e ucranianos, bolivianos e venezuelanos, japoneses e coreanos, e todos os demais. Para meu pai, que passou a ser “brasileiro nato”, a gostar mais de feijão com arroz do que de carne com batata, a amar o cinema nacional e até a ouvir as piadinhas do “caipira” local, Chico Tripa, a nova identidade substituiu a antiga rapidamente, mesmo porque aqui ele tinha amigos, muitos amigos, e quando ficou doente (teve AVC muito novo) recebia visitas o tempo todo, a ponto de ser necessário limitar o acesso das pessoas a ele.

É muito importante que o Brasil, apesar de visões políticas diferentes, tente não levar ao limite uma filosofia de enfrentamento, de negação do outro, de desvalorização do que não é do “nosso grupo”. É possível, acima das oposições de visão política, escolha de prioridades e concepções de Estado, manter e até desenvolver nossa identidade nacional, uma sensação de pertencimento que nos abranja a todos. Afinal de contas, somos uma nação, não apenas um Estado, temos alma, não apenas existência jurídica.

O presidente de um país como o Brasil, de qualquer facção que se origine, precisa ser o presidente de todos os brasileiros e todos nós precisamos saber disso e cobrar suas atitudes nesse sentido. Ele não pode ser apenas governante de seus partidários, quantos e quaisquer que sejam. Temos o direito de esperar isso dele. Afinal, somos todos cidadãos.



O trilho e o veneno

» LEOMAR DARONCHO e LINCOLN CORDEIRO
Procuradores do Trabalho

A propósito do Dia Internacional de Luta Contra os Agrotóxicos — 3 de dezembro —, a NetFlix lançou a minissérie *Heróis dos Trilhos* (*The Railway Men: The Untold Story of Bhopal 1984*), anunciada pelo streaming como drama, histórico, suspense. A produção indiana é inspirada em história real: a maior tragédia da indústria química, em Bhopal, Índia, em 1984.

Sem pretender dar spoiler, registre-se que milhares de trabalhadores morreram quando uma unidade da Union Carbide India Limited (UCIL) liberou o gás isocianato de metila (MIC). A série mostra o trágico fim de milhares de moradores, passageiros e funcionários da ferrovia, próxima à fábrica de agrotóxicos.

Nessa hecatombe, estima-se em cerca de 15 mil o número de mortes imediatas e calcula-se que cerca de 500 mil pessoas sofreram danos pela exposição ao gás altamente tóxico. Passados 39 anos, ainda há um exército de sequelados: 25 mil casos de cegueira e 50 mil incapacitados, com doenças crônicas, além de uma geração de crianças debilitadas. Dados chocantes, como o caso dos médicos heroicos que morreram envenenados fazendo boca a boca nas vítimas, são relatados na pesquisa que resultou no romance histórico de Javier Moro: *Meia-noite em Bhopal*.

Há especial destaque para as estratégias empresariais para lidar com a exposição, que também estão presentes na saga brasileira dos agrotóxicos: negar dados científicos, disseminando dúvidas e ameaças contra pesquisas que apontam danos ao meio ambiente

e à saúde das populações expostas ao veneno. Em Bhopal, a ocultação de informações técnicas, sob o pretexto do sigilo industrial, prejudicou o tratamento das vítimas. Outra estratégia recorrente é culpar as vítimas, acusadas de não usar equipamentos de suposta proteção e não seguir recomendações de segurança, algumas delas impraticáveis. No limite, levantam a suspeita de sabotagem. A culpa seria de terceiros.

No Brasil, Paulínia, em São Paulo, provou do veneno dos agrotóxicos, diante do desastre, com danos localizados, na fábrica de agrotóxicos da Shell/Basf. Investigações do Ministério Público do Trabalho constataram a contaminação dos solos, da água e do ar por substâncias com potencial teratogênico (danos na gestação), genotóxico (danos genéticos) e carcinogênico (câncer). A Ação judicial, no caso, resultou num acordo, em 2013, pelo qual as empresas, sem assumir a culpa, destinaram R\$ 200 milhões a pesquisas e ao tratamento de vítimas de intoxicação. Parte do valor beneficiou a construção de centros de pesquisa e tratamento do câncer, inclusive o conceituado Hospital do Câncer de Barretos. Também assegurou-se a indenização e o tratamento vitalício a mais de mil vítimas.

Paulínia não encerra a tragédia brasileira com os agrotóxicos. Disputamos o posto de maior mercado consumidor de agrotóxicos, desde 2009, com frequentes medidas governamentais e legislativas liberando e flexibilizando o uso de produtos tóxicos banidos nos países de origem. O gigantesco volume

de veneno é espalhado pelas regiões agrícolas criando um rastro de enfermidades agudas (instantâneas) e crônicas (como o câncer), que é silenciado pela deficiência na estrutura de saúde e pelas dificuldades de notificação.

Em *La Argentina Fumigada*, a jornalista argentina Fernanda Sández relata a saga da ciência diante da indústria química que investe na “opacidade”, no “silêncio”, na reação às “perguntas incômodas” e no “negacionismo científico”, um quadro agravado pela complacência das autoridades.

Assim como os trabalhadores e moradores de Bhopal não tinham conhecimento dos riscos da indústria que os incapacitou ou matou, brasileiros das fronteiras agrícolas não estão informados dos riscos dos agrotóxicos, presentes no ar, na água potável e nos alimentos com resíduos de substâncias, muitas proibidas noutros países.

Nas fronteiras agrícolas, a exposição vem sendo associada a casos de câncer, malformações, desregulação endócrina, depressão, suicídios e puberdade precoce de crianças, como no caso da Chapada do Apodi, no Ceará, pelo intenso uso do veneno. Como convém à disputa pela audiência, a apocalíptica trama indiana destaca os heróis ferroviários. O saldo fatal de intoxicados seria muito pior sem o heroísmo que salvou vidas. No Brasil, em que se insiste na flexibilização e no estímulo ao uso de mais veneno, não há heróis, mas serão muitas as vítimas enquanto permanecer o silêncio perturbador da sociedade.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Desabrigados pelo Marco Temporal

Seguindo fielmente os rastros da insegurança jurídica, impressos e disseminados em nossa sofrida terra, fruto de decisões sem lastro na realidade nacional, eis que nos é apresentada, agora, a filha bastarda mais nova de todo esse atropelo nas leis que vêm fragmentando e flagelando o país nesses últimos anos. Trata-se, aqui, da insegurança jurídica no campo, fruto de decisão que tem nas guias da ideologia política sua linha mestra ou seu guizo.

Quem teve a oportunidade de ler obras seminais como *Grande sertão veredas*, de João Guimarães Rosa, e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, ambas do período modernista e que buscavam redescobrir o Brasil real além das cidades, por certo, encontrará verossimilhança ao assistir a um vídeo que flutua agora nas redes sociais mostrando um garoto franzino, de idade incerta, mas que aparenta ter pouco mais de 13 anos, e que, há dias, vem perambulando pelas estradas ermas ou pelos corredores rurais sem fim conduzindo sem destino uma boiada, igualmente esquelética e sem brilho nos olhos.

A um interlocutor que questiona e filma toda a cena, o menino, transformado em homem gigante pelas condições de uma vida bruta, responde com timidez o que faz ali, sozinho, naquele fim de mundo, tangendo as poucas cabeças de gado de seu pai em busca de pastos ou repouso. Segue o diálogo: “Meu fi, de quem é esse gado?”. “De meu pai”, responde o menino. “O que foi, você está na estrada aí, moço?”, segue o interlocutor. “Não tem lugar pra ir. A gente tava ali na Apyterewa” (considerada, agora, reserva indígena, segundo decisão do Supremo que tornou constitucional o chamado Marco Temporal, desapropriando à força todas as terras ocupadas há décadas pelo homem branco, devolvendo-as, de modo atabalhoado, às nações indígenas). “Vieram os homens e expulsaram todo mundo. Nós só tinha o gado e o pasto”, completou o menino.

De uma hora para outra, centenas de famílias dessa localidade situada entre os municípios de São Félix do Xingu e Altamira, no Pará, perderam tudo para os indígenas e, agora, vagam sem destino nos corredores infinitos daquela distante e conflituosa terra do Norte. “Faz dias que você está nesse corredor?”, segue o interlocutor. “Faz uma quatro semanas.” “Vai levar o gado pra onde, moço?”. A criança diz: “Vou deixar no corredor, num tem lugar pra pôr”. “Tá dormindo onde?”. “No corredor”, responde o menino. “Então, cê está na estrada vigiando gado?”. “Tô.”

Em muitas outras localidades, perdidas nos confins do Brasil, a história vem se repetindo, com famílias anônimas sem ter, de uma hora para outra, para onde ir. É esse o Brasil real que boa parte da mídia não mostra e que as autoridades fingem desconhecer ou simplesmente lavaram as mãos. Desapropriar terras é fácil quando essa decisão tem como esforço apenas o desenho feito pela caneta numa folha de papel. Outra bem mais difícil é concretizar esse tipo de lei, conferindo as devidas responsabilidades ao Estado, que seriam, nesses casos, dar novas terras aos desabrigados, impedindo injustiças e fazendo o que mandam as leis, que é estabelecer o equilíbrio e a harmonia das partes.

Assim como existem os desabrigados por enchentes, barragens e outros acidentes naturais e por causas humanas, temos, hoje, os desabrigados pela desapropriação de terras impostas pelo Marco Temporal e que vão se juntar nessa fila imensa na espera de reparação, que

➤ A frase que foi pronunciada

“Eu digo que a democracia só é útil para que possa transmitir e florescer e dar frutos nas maneiras, nas formas mais elevadas de interação entre as pessoas e suas crenças — na religião, literatura, faculdades e escolas — democracia em toda a vida pública e privada...”

Walt Whitman

Lembranças

» Emoção assistir aos vídeo dos *Mil quilômetros de Brasília* de 1970. O clima, as vestimentas, as pessoas famosas que aparecem com a simplicidade que Brasília nasceu. Veja no blog do Ari Cunha e sinta emoções e saudades.

Deleite

» Em um passeio pelo Eixão Norte/Sul, em diferentes épocas, podem-se colher abacates, mangas, jacas, goiabas, amoras, jambo e tantas outras frutas. Esse é um passeio interessante que poucos turistas conhecem.

➤ História de Brasília

A razão para o que ocorre é que o deputado, sendo cearense, trouxe, de sua terra, uma cozinheira que prepara excelentes tapiquinhas de coco, e a afluência de amigos não é devido a outra coisa, senão a uma demonstração pantagruélica, com variações para a mandioca. (Publicada em 27/3/1962)